

Guerra cultural: Brasil, uma batalha esquisita
Prof. Dr. Everton Maciel – UNIFAP

O problema em torno da guerra cultural nasce de tensões estéticas e urbanas, estabelecidas especialmente a partir da pluralidade de recursos culturais. Nos Estados Unidos, o termo foi empregado por Robert Mapplethorpe (1946-1989), fotógrafo novaiorquino que utilizou o termo para se auto-identificar em meio a tensão de críticas a sua própria produção com fotografias potencialmente eróticas. São três os campos de batalha da Guerra Cultural, desde então: religião, sexualidade e etnia. No Brasil, a própria perspectiva de tensão é frustrada.

Por conta de inabilidade no trato dos problemas centrais, falta de comprometimento epistêmico com aquilo que de fato se defende, a guerra cultural no Brasil não foi ruralizada, como nos Estados Unidos, mas pouco se toca nos problemas que concernem a sexualidade e etnia diretamente. Os conservadores brasileiros preferem uma abordagem voltada para o conspiracionismo. As teorias da conspiração utilizadas por aqui não são divergentes daquelas das quais se aproveitam os escritores dedicados ao tema “Guerra Cultural” na América, mas possuem características especiais. Em primeiro lugar, a estética que é sugerida se transforma em algo não-rural ou de “desenvolvimento” urbano do interior. Em segundo lugar, por falta de uma estética conservadora no estilo “boiadeiro texas ranger”, as noções de família, raça ou mesmo o antissemitismo, marcas latentes destes escritores nacionais é fundamentalmente levada para uma religiosidade católica-conservadora, paralela ao neopentecostalismo latente da sociedade brasileira.

A expressão “guerra cultural” é utilizada para identificar o “debate público” sobre os três temas centrais sem se voltar diretamente para eles; sempre tratando indivíduos ou grupos no campo político “comunista” ou “anticomunista”, tentando reduzir a isso a própria História, dentro da tensão política-cultural.

Os escritores que tentam se identificar com esse fator no Brasil possuem duas características em comum: Olavo de Carvalho como fonte primária de seus escritos; e pouco ajuste em referenciais diretos com as teorias da conspiração coirmãs norte-americanas. Essa observação não decorre apenas do fato natural da dificuldade que tais indivíduos têm com a língua estrangeira. Mais do que isso: Olavo serve como uma barreira estabelecida entre a estética rural-pentecostal americana e a defesa da tese geral de desmonte do ocidente

pelo declínio do catolicismo. Este filtro evita que nossos “escritores conservadores” precisem aderir ao pentecostalismo em si, e permite que seu conspiracionismo caminhe em paralelo com os colegas brasileiros movimentados por pastores.

É um atraso do conservadorismo brasileiro nos campos de batalha. Os americanos conseguem ser muito mais abertamente antissemitas, racistas, xenófobos e sexistas, pelo fato de suas teses da conspiração possuírem um pano-de-fundo descolado da tradição do catolicismo, no entanto, também há outros atrasos aqui:

- a abertura política tardia (tal qual os totalitarismos europeus), manteve os problemas centrais da guerra cultural represados por mais tempo;
- lutamos uma “guerra contra o comunismo” por procuração, sem convite direto para a Guerra Fria, uma disputa sem custos militares e sociais diretos para a comunidade; o conservador brasileiro é viúvo de uma guerra que não lutou ou sequer foi convidado para lutar;
- ausência de reconhecimento nacional, um país continental que não se reconhece como nação, abre espaço para patriotismo de coalisão, descompromissado com a identidade nacional, especialmente aquela do interior de sua própria terra.

A cultura artística e seus fenômenos na música e artes visuais, contraponto natural ao conservadorismo, nos termos da Guerra Cultural, teve pouca influência no interior do Brasil, quando comparado a mesma difusão, correlacionada a cultura nos Estados Unidos. Aqui, a ideia propagada de “marxismo cultural” é um fenômeno urbano, para esses “pensadores” do conservadorismo, nunca explicado de um Brasil interiorano ou contemplativo. A influência da repressão no interior do Brasil não se deu pela cultura que precisava ser administrada no eixo de produção relevante, Rio-São Paulo, mas chegou a interior pela economia, pelo êxodo, pela fome, mas não pela cultura. No interior do Brasil as ideias nacionalistas coexistem com mais naturalidade com o racismo estrutural, com a mestiçagem étnica e sincretismo religioso; nas capitais com menos naturalidade e com mais truculência a cultura precisou ser preocupação do estado censor. A linguagem global de comunicação, de fora para dentro, do litoral para o interior, chegou muito mais tardiamente no Brasil que importava para a Guerra Cultural nos Estados Unidos, a estética contemplativa do agrário, da família nuclear, o campo onde o branco governa e o negro trabalha. Aqui não houve esse espaço de adesão.

Toda teoria da conspiração que é naturalizada no interior americano, precisa chegar ao Brasil pela esfera da religião; ali está, para nossos conspiracionistas, a destruição dos valores ocidentais e a religião resume aqui o problema da guerra cultural. Não em virtude disso, mas como consequência deste fator, o produto da produção das teorias conspiratórias aqui é pulverizado sobre uma gama de fatores geopolíticos internacionais, complicados de serem analisados por um personagem histórico que não enfrentou a guerra, mas a perdeu.

“As grandes religiões (catolicismo e islã), as famílias dinásticas (Rothschild, Rockefeller), as sociedades iniciáticas (monarquia e rosa cruz) e o partido revolucionário (o partido comunista)” são elementos históricos que para os conspiracionistas resumem toda a história, os “atores-motores” responsáveis integralmente pela história. Vale notar que todos eles são elementos de ordem religiosa, seja pela presença do judaísmo na citação direta a famílias tradicionais judias americanas ou pela presença do partido comunista, representando o ateísmo na política. O antissemitismo, quando utilizado em terras tupiniquins, por exemplo, é diferente daquele antissemitismo contemplativo americano, fundamentalmente anti-industrial ou como pedra de toque da comunicação distribuída massivamente ao interior. É um antissemitismo direto, apresentado apenas por meio da guerra cultural, na qual o ocidente é o derrotado.

Toda teoria da conspiração é apresentada para se adotar uma postura de vitimismo histórico; essa gente acredita piamente na ideia de que não existem agentes históricos externos desta perspectiva na qual quatro instituições sociais são “entidades seculares” pelas quais todo motor da história passa; acreditam na impossibilidade de que exista história que possa ser encaminhada ao longo de uma geração ou por um personagem influente. De Alexandre VI a Napoleão, todos são sabotados e perdem seu papel de protagonismo diante daqueles que dominam os laços que amarram o ocidente.

Nesses moldes, a guerra cultural é um diálogo vazio, ou consigo mesmo ou com um grupo isolado, afeito a conspiração; a produção “literária” sobre o assunto reforça o título, as não arranha os problemas. Serve, outrossim, para alimentar a teoria da conspiração, “dialogar” com os seus, afeitos a explicação facilitada e reducionista. O papel de “antiacadêmico” não é adotado por esses combatentes da guerra cultural propositalmente. Não é possível garantir que eles não gostariam de ocupar espaços dentro da engrenagem acadêmica. Se pudessem, o fariam, tal qual o fazem e redes sociais e espaços

marginalizados de comunicação. O que sobraria do espaço de vítima da destruição dos valores ocidentais se isso o fizessem? Se fossem, por competência, acolhidos nas universidades? Deixar de ser antiacadêmico é o mesmo que perder a parcela no quinhão da vítima ou se aproveitar deste espaço para se apresentar como perseguido.

O conservadorismo brasileiro, tardio no interior, precisou disputar espaço no turbilhão de lutas sociais, busca de emancipação de direitos dos grandes centros urbanos. Local perfeito para perder uma batalha. Pela dificuldade de acesso a bens culturais que antagonizaram com a tensão da guerra cultural, a disputa aqui é mais recente, interiorizada apenas muito mais tarde. Mais recente e menos emblemática. Racismo, antissemitismo ou machismo foram naturalizados no campo da tolerância que temos com os conspiracionistas. E isso é muito diferente de um conservadorismo que opera de dentro para fora, pelo campo dos costumes conservadores. A “discussão” é feita para dissimular os fracassos. Tocá-los abertamente nos problemas que originam a expressão é o mesmo que mostrar as feridas da própria derrota. Existe uma permanente necessidade de deixar de lado os problemas reais de conflitos religiosos, étnicos ou sexuais. O tema da religião, por outro lado, é permanente e flerta com todos esses tópicos, desproblematiza-os. A religião flerta com todas as esferas do histórico e do político e, eventualmente, com a guerra real, seja a revolução bolchevique ou a contrarreforma jesuíta. Mais do que ser a base para a teoria da conspiração, a guerra cultural é o método pelo qual o conservadorismo sobrevive na marginalidade.

O conservador brasileiro é basicamente um derrotista, vítima da história, seus valores foram martirizados no sangue da guerra da qual nenhum ancestral seu participou e ele sonha em ser convidado para participar. O atestado do suburbano global precisa ser carimbado com a desculpa dos motivos pelos quais não fazemos parte do ocidente. É impossível para o conservador urbano nacionalista contar com algum incidente histórico real que tenha maximizado o ocidente, a religião cristã e os valores estéticos presentes em sua memória cinematográfica. Sem ter diante de si sequer a estética rural de um oeste, é preciso que ele recorra a imagens ainda mais abstratas e estranhas. O conservador brasileiro é um cosplay de cavaleiro templário na praça de alimentação de um shopping.